

**RECURSO EXTRAORDINÁRIO 1.148.609 RIO GRANDE DO SUL**

**RELATOR** : **MIN. CELSO DE MELLO**  
**RECTE.(S)** : **UNIÃO**  
**PROC.(A/S)(ES)** : **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**  
**RECDO.(A/S)** : **JOÃO RIGON MACHADO REPRESENTADO POR QUELEN LENICE AIRES RIGON**  
**PROC.(A/S)(ES)** : **DEFENSOR PÚBLICO-GERAL FEDERAL**  
**INTDO.(A/S)** : **ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PROC.(A/S)(ES)** : **PROCURADOR-GERAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INTDO.(A/S)** : **MUNICÍPIO DE SANTA MARIA**  
**ADV.(A/S)** : **PROCURADOR-GERAL DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA**

**DECISÃO:** **Trata-se** de pleito (**Petição** nº 73.397/2018) **formulado** em nome de João Rigon Machado, *menor impúbere* (com **aproximadamente** 3 anos e meio de idade), **representado** por Quelen Lenice Aires Rigon, sua genitora, **em que se busca** “(...) **ampliação do período de tratamento em pelo menos 6 (seis) meses, em observância ao extraído do art. 5º, ‘caput’, c/c art. 196, ambos da Carta Magna, vez que no momento não se tem a imperiosa prestação, plena e adequada, ao autor” (grifei).**

A parte requerente, ora recorrida, **para justificar** sua pretensão, **apoiar-se nos seguintes fundamentos:**

*“O autor intentou demanda judicial contra a União Federal, o Estado do Rio Grande do Sul e o Município de Santa Maria em 21/02/2017, com pedido de antecipação dos efeitos de tutela, objetivando a condenação dos entes para o fornecimento ou custeio de sessões de fisioterapia pelo Método Cuevas Mede Exercises (CME), de forma contínua, porquanto é portador de Paralisia cerebral (CID10 G80), Epilepsia (CID10 G40) e Retardo do desenvolvimento fisiológico normal (CID10 R62).*

RE 1148609 / RS

*De início, foi concedido o pleito antecipatório pelo período de 6 meses.*

*Realizada a perícia judicial, constatou-se a imperiosa necessidade do autor prosseguir com o tratamento pleiteado por tempo indeterminado, motivo pelo qual foi prolatada sentença de procedência, condenando os réus à materialização ou ao custeio de três sessões de fisioterapia por semana durante o período em que houver indicação médica para tanto.*

*Ao delongar do processo, aviou a União Recurso Extraordinário, admitido. Ulteriormente, restou não provido pelo Eminentíssimo Relator, Ministro Celso de Mello, sob o fundamento de achar-se em confronto com o entendimento da Suprema Corte, em específico, ao art. 932, inciso IV, alínea 'b' do Código de Processo Civil.*

*Em documentação de evento 268, o autor requereu a ampliação dos efeitos da tutela, para fins de lhe serem concedidos mais 6 meses de tratamento. Tal pedido restou indeferido no juízo originário, porquanto o pleito deveria ser requerido junto à turma recursal.*

*Ocorre que o feito aguarda manifestação da Egrégia Suprema Corte em relação ao Recurso Extraordinário, objeto do presente pedido.*

*O autor comprova, por meio de documentação anexa, a imprescindível necessidade do prosseguimento do tratamento, quais sejam, orçamentos atualizados, negativas administrativas e declarações." (grifei)*

*Sendo esse o contexto, passo a apreciar o pedido formulado. E, ao fazê-lo, entendo-o acolhível, na linha da decisão por mim proferida no exercício da Presidência do Supremo Tribunal Federal, em contexto assemelhado ao da presente causa (Pet 1.246/SC), pois, entre proteger a inviolabilidade do direito à vida e à saúde – que se qualifica como direito subjetivo inalienável a todos assegurado pela própria Constituição da República (art. 5º, "caput", e art. 196) – ou fazer prevalecer, contra essa prerrogativa fundamental, um interesse financeiro e secundário do*

RE 1148609 / RS

Estado, entendo, uma vez posta em perspectiva essa relação dilemática, **que razões de ordem ético-jurídica impõem ao julgador uma só e possível opção: aquela que privilegia o respeito indeclinável à vida e à saúde humanas.**

Cumpra não perder de perspectiva, por isso mesmo, que o direito público subjetivo à saúde **representa** prerrogativa jurídica **indisponível**, assegurada **à generalidade** das pessoas **pela própria** Constituição da República. Traduz bem jurídico constitucionalmente tutelado, **por cuja integridade deve** velar, de maneira responsável, o Poder Público, **a quem incumbe formular – e implementar –** políticas sociais e econômicas **que visem a garantir** aos cidadãos o acesso universal e igualitário à assistência médico-hospitalar.

O caráter programático da regra inscrita **no art. 196** da Carta Política – que tem por destinatários **todos** os entes políticos **que compõem**, no plano institucional, a **organização federativa** do Estado brasileiro (JOSÉ CRETELLA JÚNIOR, “Comentários à Constituição de 1988”, vol. VIII/4332-4334, item n. 181, 1993, Forense Universitária) – **não pode convertê-la em promessa constitucional inconsequente, sob pena** de o Poder Público, **fraudando justas expectativas** nele depositadas pela coletividade, **substituir, de maneira ilegítima, o cumprimento** de seu impostergável dever **por um gesto irresponsável** de infidelidade governamental **ao que determina** a própria Lei Fundamental do Estado.

Nesse contexto, **incide**, sobre o Poder Público, **a gravíssima** obrigação de tornar efetivas **as ações e prestações de saúde, incumbindo-lhe** promover, **em favor** das pessoas **e** das comunidades, **medidas** – preventivas **e** de recuperação –, que, **fundadas** em políticas públicas **idôneas**, tenham por finalidade **viabilizar e dar concreção** ao que prescreve, **em seu art. 196**, a Constituição da República.

RE 1148609 / RS

**O sentido de fundamentalidade do direito à saúde** (CF, arts. 6º e 196) – **que representa**, no contexto da evolução histórica dos direitos básicos da pessoa humana, **uma das expressões** mais relevantes das liberdades reais ou concretas – **impõe** ao Poder Público **um dever de prestação positiva** que **somente** se terá por cumprido, **pelas instâncias governamentais, quando estas** adotarem providências destinadas a promover, **em plenitude, a satisfação efetiva** da determinação **ordenada** pelo texto constitucional.

**Entendo, desse modo, que os fundamentos** que venho de mencionar, **subjacentes** aos julgados **proferidos** por esta Corte Suprema, **conferem densa plausibilidade jurídica** à pretensão cautelar **deduzida** pelo requerente, ora recorrido, **que também demonstrou, satisfatoriamente, o pressuposto inerente** à situação configuradora de “*periculum in mora*”, **notadamente a indispensabilidade da prorrogação dos exercícios de fisioterapia motora pelo método Cuevas Medek, necessários** à otimização do tônus muscular do menor impúbere em questão e à consequente diminuição das limitações motoras, **consoante laudo médico** emitido pelo Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Maria/RS:

*“**Atesto para os devidos fins** que o(a) paciente **João Rigon Machado** está em acompanhamento neuropediátrico e **apresenta** o(s) diagnóstico(s) de G80, G40 e R62 (CID – 10). **Em virtude de seus diagnósticos faz uso** de Fenobarbital, Lamotrigina, Levetiracetam e Ácido Valpróico **para controle de suas crises convulsivas. Necessita de fisioterapia motora pelo método Cuevas Medek por tempo indeterminado a fim de otimizar** o tônus muscular e **diminuir** as limitações motoras.” (grifei)*

**Produziu-se, também, nos autos, peça subscrita por profissional médico que indica a essencialidade** de fisioterapia especializada **para quem, como o menor impúbere em causa, sofre** da Síndrome de West, com um “quadro motor de quadriparesia espástica”, **a significar** que a realização dos

RE 1148609 / RS

exercícios fisioterápicos **constitui** “fator determinante para a aprendizagem motora e seu desenvolvimento”.

Devo ressaltar, por ser justo e necessário, a decisiva atuação da Defensoria Pública da União, **que se mostra fiel, uma vez mais, à sua nobre vocação constitucional, pois**, como o Supremo Tribunal Federal já o disse, “A Defensoria Pública, enquanto instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, qualifica-se como instrumento de concretização dos direitos e das liberdades de que são titulares as pessoas carentes e necessitadas. É por essa razão que a Defensoria Pública não pode (e não deve) ser tratada **de modo inconsequente** pelo Poder Público, **pois a** proteção jurisdicional **de milhões** de pessoas – **carentes e desassistidas** –, que sofrem **inaceitável** processo de exclusão jurídica e social, **depende** da adequada organização e da efetiva institucionalização desse órgão do Estado” (**ADI 2.903/PB**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **Pleno**).

**O fato irrecusável, nesse contexto, sempre segundo precedentes desta Corte Suprema, é que assiste** “a toda e qualquer pessoa – especialmente àquelas que nada têm e que de tudo necessitam – uma prerrogativa básica essencial à viabilização dos demais direitos e liberdades fundamentais, consistente no reconhecimento de que toda pessoa tem direito a ter direitos, o que põe em evidência a significativa importância jurídico-institucional e político-social da Defensoria Pública” (**AI 598.212-ED/PR**, Rel. Min. CELSO DE MELLO), **pois**, como ninguém o ignora, “de nada valerão os direitos e de nenhum significado revestir-se-ão as liberdades, se os fundamentos em que eles se apoiam – além de desrespeitados pelo Poder Público ou transgredidos por particulares – também deixarem de contar com o suporte e o apoio de um aparato institucional, como aquele proporcionado pela Defensoria Pública, cuja função precípua, por efeito de sua própria vocação constitucional (CF, art. 134), consiste em dar efetividade e expressão concreta, inclusive mediante acesso do lesado à jurisdição do Estado, a esses mesmos direitos, quando titularizados por pessoas necessitadas, que são as reais destinatárias tanto da norma inscrita no art. 5º, inciso LXXIV, quanto do preceito”

RE 1148609 / RS

consubstanciado no art. 134, **ambos** da Constituição da República” (ADI 2.903/PB, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **Pleno**).

**Cabe lembrar**, finalmente, **que o deferimento** da medida cautelar ora concedida, **resultante** do concreto exercício *do poder geral de cautela outorgado* aos juízes e Tribunais, **somente se justificou**, no caso em exame, em face da ocorrência de situações – *como a que se registra nesta causa* –, em que se tornou possível reconhecer **a existência**, na espécie, de plausibilidade jurídica (“*fumus boni juris*”), de um lado, **e a possibilidade** de lesão **irreparável** ou **de difícil** reparação (“*periculum in mora*”), de outro.

**Com a concorrência desses dois requisitos** – *que são necessários, essenciais e cumulativos* –, **legitima-se** a concessão da medida cautelar ora postulada, **consoante enfatiza a jurisprudência** do Supremo Tribunal Federal.

**Sendo assim, defiro** o pedido de medida cautelar, **em ordem a determinar** a ampliação, *em 12 (doze) meses*, do período de tratamento de João Rigon Machado, *menor impúbere*, **nos termos** do laudo médico **emitido** pelo Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Maria/RS, **em observância** ao que estabelece o art. 5º, “*caput*”, c/c o art. 196, **ambos** da Constituição.

**Comunique-se**, com urgência, **transmitindo-se cópia** desta decisão ao Estado do Rio Grande do Sul, à Defensoria Pública da União, à União Federal e ao 1º Juizado Integrado de Santa Maria, Seção Judiciária do Rio Grande do Sul.

Publique-se.

Brasília, 03 de abril de 2019.

Ministro CELSO DE MELLO

Relator